

## Medicina Interna e SIDA

A proporção de casos de SIDA tem indiscutivelmente aumentado. Em Outubro de 1995, o número registado pelo CDC nos Estados Unidos, desde 1981, atingiu a marca do meio milhão. Cerca de metade foram reportados desde 1993 e 62% morreram. À escala mundial, os infectados com o VIH e os casos de SIDA em adultos e crianças cifram-se, actualmente, em vários milhões de casos.

A SIDA estabeleceu múltiplas interfaces com a Medicina Interna. Possui os atributos e características clínicas das doenças por imunossupressão, paradigmaticamente multissistémicas e multifacetadas. É partilhada pela Medicina Interna, pela Infecçiology e por, praticamente, todas as Especialidades. Abriu campo a enorme variedade de infecções causadas por bactérias, vírus, parasitas e fungos, quase sempre de difícil erradicação. A co-morbilidade é outra das suas regras.

Frequentemente, o doente com SIDA contacta o internista e outros especialistas na interface das emergências, onde, muitas vezes, a pedido dos centros de referência, vai solicitar avaliação sistematizada, equilíbrio das situações patológicas em curso ou início de terapêuticas.

As revistas científicas portuguesas têm-se feito eco da expressão assumida pela SIDA entre nós.

A revista Medicina Interna, no seu curto período de vivência, já publicou um número muito significativo de casos clínicos, artigos de revisão e casuísticas de Serviços de Medicina Interna com inclusão do grupo nosológico da SIDA. Destas experiências de Serviços, salientamos os resultados e excelentes discussões já apresentadas por Rui Victorino e col. (Medicina 2 do Hospital de Santa Maria) e por Poole da Costa e col. (Medicina 3 do Hospital dos Capuchos).

Neste número da revista vem a público um estudo dos Internamentos em Medicina por Barros Veloso e col. (Medicina 1 do Hospital dos Capuchos), comparando os diferentes grupos nosológicos de 1984 (SIDA - inexistente) com o ano de 1994, uma década depois (aumento muito significativo dos internamentos por SIDA - 49 homens e 3 mulheres).

Pesem embora as dificuldades de previsão, o aumento dos imunodeficientes por VIH poderá extravasá-los para além das fronteiras dos Serviços de Doenças Infecciosas ou de Medicina com componente de Infecçiology, que



nos grandes centros do País têm a maioritária responsabilidade do internamento dos casos de SIDA.

Que alternativas válidas se colocarão aos outros Serviços de Medicina com orgânicas diferentes?

Há caminhos árduos a percorrer. Sem falar nos aspectos sociais, existem carências angustiantes para a obtenção rápida, por exemplo, de exames complementares. A colaboração inter-serviços e dos laboratórios é medida essencial.

Deixei para o fim uma interface de actividade que me parece de grande importância. Refiro-me ao papel que podem desempenhar os Núcleos de Estudo direccionados para a imunodeficiência por VIH, divulgando periodicamente protocolos e codificações que passem a ter influência no combate à doença nas suas várias fases.

Silva Nunes